

## LUTAS E EXPERIÊNCIAS DOS ASSENTADOS SERRA DOURADA<sup>1</sup> / GOIÁS- GO

Geovanna de Lourdes Alves RAMOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás – UFG  
E-mail: geovana\_gigia@yahoo.com.br

**Resumo:** O tema deste artigo incide sobre as experiências, as lutas e os saberes dos diferentes sujeitos sociais que compõem o Projeto de Assentamento Serra Dourada no município de Goiás/GO. A pesquisa deu-se partindo do ano 2000, momento da fundação do assentamento até o ano de 2007, mediante a leitura dos temas selecionados sobre o cotidiano dos assentados. Utilizamos as Atas das Reuniões para analisarmos as práticas, a cultura e os viveres desses sujeitos no campo. A questão consistiu em compreender as vivências coletivas no assentamento. Nesse sentido, os objetivos que nortearam a pesquisa foram: apreender o dia a dia dos assentados no campo; refletir sobre a forma de organização dentro da associação; analisar as práticas e táticas em grupos.

**Palavras-chave:** sujeitos sociais; assentamento; experiências, lutas; táticas.

**Abstract:** The theme of this article focuses on the experiences, struggles and knowledge of different social subjects that make up the Settlement Project Serra Dourada in the city of Goiás / GO. The research took place starting from 2000, the time of the settlement foundation until 2007, through the reading of selected topics on the daily lives of settlers. We use the Minutes of Meetings to analyze the practices, culture and you live these subjects in the field. The question was to understand the collective experiences in the settlement. In this sense, the goals that guided the research were: seize the day to day of the settlers in the field; reflect on the form of organization within the association; analyze the practices and tactics in groups.

**Keywords:** social subjects; settlement; experiences, struggles; tactics.

---

<sup>1</sup>A cidade de Goiás teve a estrutura fundiária modificada a partir de meados da década de 1980. A luta pela terra promovida por diversos grupos de agricultores camponeses culminou num relativo rearranjo territorial local. Atualmente, existem 23 Projetos de Assentamento Rural, o que vai à contra mão da estrutura agrária historicamente estabelecida no país, marcado pela presença do latifúndio. Esta nova estrutura impactou territorialmente o município, mas, muito ainda precisa ser feito em termos políticos e socioeconômicos. Apenas no ano de 2013, no dia 19 de agosto, é que foi aprovada uma Política Rural para o Município de Goiás-GO, a ser incluída na Lei Orgânica Municipal, que antes inexistia. O Assentamento Serra Dourada é resultado de uma doação, diferente de outros assentamentos que passaram pelo processo de ocupação. As propriedades possuem em média 2,5 ha. O assentamento foi criado em 1999, mas é em 2010 que Altamiro e sua companheira Sirlene conseguem sua parcela e começam a experiência juntos. Para saber mais: SILVA, Ana Cláudia de Lima; BUENO, Tobias; SILVA, Altamiro Lourenço da; SILVA, Sirlene dos Santos Neves. **Manutenção do Ciclo da Vida:** Experiência em Transição Agroecológica de Hortaliças no Assentamento Serra Dourada, Goiás – GO. <http://www.abaagroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/viewFile/16809/10638> Acesso dia 25/04/2016.

<sup>2</sup> Formada em Pedagogia (UNIUBE), Licenciada e Bacharel em História (Universidade Federal de Uberlândia), Mestre em História Social (Universidade Federal de Uberlândia), Doutora em História da Educação (Universidade Federal de Uberlândia), com período sanduíche na Universidade de Lisboa/Portugal. Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Goiás.

## Introdução

Atualmente, pesquisas e temáticas sobre as lutas e experiências de movimentos sociais são de grande importância nas diversas análises e estudos no campo da História e da Educação, sendo que essas não podem ser referenciadas somente em sua projeção física, tidas e significadas apenas como um modismo, ou discutidas em torno de seu desenvolvimento econômico e político. Mas, sim, permitem a problematização do movimento e construção de territórios, dos modos de viver o/no campo e como esse processo se dá socialmente.

O caminho de análise, em que o campo se torna alvo de discussão, apresenta uma população diversa e que busca seus direitos, colocando em questão a lógica capitalista que se pretende hegemônica. No enfrentamento dessas disputas, pelo pertencimento, insere o município da cidade de Goiás<sup>3</sup>/GO, contendo 24<sup>4</sup> assentamentos<sup>5</sup> em seu entorno. Os sujeitos sociais, nessa dinâmica, compõem e intervêm nesses territórios e, portanto, fazem com que ao analisar o campo sejamos sensíveis às diferentes memórias<sup>6</sup> que são elaboradas e partilhadas sobre os assentamentos no país.

---

<sup>3</sup>Goiás (conhecida como Cidade de Goiás ou Goiás Velho) é um município brasileiro do estado de Goiás. Sua população estimada em 2010 era de 24.727 habitantes de acordo com o IBGE. O município foi reconhecido em 2001 pela UNESCO como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial por sua arquitetura barroca peculiar, por suas tradições culturais seculares e pela natureza exuberante que a circunda. Para saber mais: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s\\_\(munic%C3%ADpio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s_(munic%C3%ADpio)). Acesso dia 28/04/2016.

<sup>4</sup>Mosquito, São João do Bugre, Acaba Vida II, Retiro, São Carlos, Lavrinha, Mata do Baú, Novo Horizonte, Bom Sucesso, Paraíso, Buriti Queimado, União Buriti, Holanda, Baratinha, Vila Boa, Engenho Velho, Varjão, Serra Dourada, São Felipe, Rancho Grande, Magali, Dom Tomás. Não conseguimos informações acerca dos outros dois últimos assentamentos. Para saber mais: SOUZA, F. E. de, et al. **Do assentamento Mosquito ao assentamento Serra Dourada: as lutas pela conquista e permanência na terra no município de Goiás**. 2006. Relatório de pesquisa.

<sup>5</sup>Basicamente, o assentamento rural é um **conjunto de unidades agrícolas** independentes entre si, instaladas pelo Incra onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário. Cada uma dessas unidades, chamadas de parcelas, lotes ou glebas é entregue pelo Incra a uma família sem condições econômicas para adquirir e manter um imóvel rural por outras vias. A quantidade de glebas num assentamento depende da capacidade da terra de comportar e sustentar as famílias assentadas. O tamanho e a localização de cada lote é determinado pela geografia do terreno e pelas condições produtivas que o local oferece. Saiba mais sobre as características dos assentamentos. <http://www.incra.gov.br/assentamento>. Acesso dia 28/04/2016.

<sup>6</sup>Há diferentes formas de análise do conceito de “memória”, mas em relação a este compartilhamos: “[...] como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais. A memória constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e legitimação do poder. Reconhecemos que tem sido sempre o poder estabelecido que definiu ao longo do tempo histórico quais memórias e quais histórias deveriam ser consideradas para que fosse possível estabelecer uma certa Memória

Para pensar um pouco mais essa questão, tomamos como análise o Assentamento Serra Dourada – é uma abordagem que permite discutir o que se fala sobre o campo e seus sujeitos sociais, suas lutas e experiências travadas cotidianamente. Buscamos por meio da análise das Atas de Reuniões dos assentados refletir sobre esse processo. A utilização das Atas das Reuniões do Assentamento foi definidora para o procedimento de investigação histórica, e nos permitiu construir interpretações sobre o processo de construção e transformação das vivências pela qual passou a associação nos anos dessa pesquisa<sup>7</sup>; bem como esses sujeitos imprimiram ritmo e alterações nos modos de viver.

Na leitura e análise das fontes documentais, o olhar do pesquisador deve centrar-se nas entrelinhas, visto que a sua própria postura não se dirige aos dados de forma ingênua esperando que elas falem por si; tampouco com uma explicação já pronta na qual, necessariamente, os dados se encaixarão. Como efeito, têm-se hipóteses explicativas, como também descobertas imprevisíveis.

Pesquisar um assentamento é uma das formas de se estudar a história das lutas no/do campo no Brasil, pois ela está impregnada de valores, ideais e experiências. Assim, se bem realizadas, as investigações se apresentam uma vantagem: a de superar a dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o conceito. Dessa forma: como os assentados percebem e se inscrevem, enquanto sujeitos sociais do campo? Que imagens eles possuem da convivência em grupos no assentamento? Que leituras fazem de seus viveres?

A partir das indagações acima e da trajetória dos sujeitos sociais envolvidos com o campo estabeleceremos uma reflexão que permeia a trama social a partir dos registros. Por meio desses buscamos perceber as resistências, as disputas, o morar no campo. Tornou-se fundamental analisar de que forma as relações se organizavam no assentamento, as atividades coletivas, a luta pela terra. A construção da escola foi outro foco de análise, na busca de perceber os relacionamentos interpessoais, as formas de apoio e solidariedade. Procuramos também visualizar nas atas alguns elementos que pudessem nos trazer os significados e os

---

capaz de cunhar uma História ‘certa’. Projeto PROCAD. **Cultura, Trabalho e Cidade: Muitas Memórias, Outras Histórias**. Capes/2000.

<sup>7</sup>Nesse artigo utilizamos como fonte documental as atas de reuniões do Projeto de Assentamento Serra Dourada dos anos 2000 a 2007. A escolha dos anos se deu ao fato do ano 2000 ser o ano de fundação. O ano de 2007 se refere à escolha dos temas vivenciados pelos assentados.

valores que os assentados remetem ao campo, como se percebiam e construíam suas vivências.

## Desenvolvimento

Consideramos extremamente relevante analisar as Atas de Reuniões dos Assentados do Serra Dourada, não para limitarmos às suas perspectivas, mas para, a partir delas, ver outras produções possíveis sobre as memórias do campo. Os sujeitos sociais dessa história veem as transformações do/no campo e dos modos de viver como um processo, e, mais; compreendem memória como algo que se constrói no presente, a partir da experiência e dos significados atribuídos às suas trajetórias.

Analisando a documentação referente à Fundação da Associação do Projeto de Assentamento Serra Dourada encontramos registros do dia 27 de dezembro de 1999. Para tanto fora definido o senhor José Osmar Nunes Marquês para coordenar a assembleia. Contaram com o apoio de 18 sócios<sup>8</sup>. Nesse dia os sócios estabeleceram os Estatutos Sociais<sup>9</sup> do assentamento, dando ênfase artigo por artigo para que os mesmos fossem aprovados por seus membros.

Também foram aprovados nomes para os seguintes cargos: diretor-presidente; diretor técnico-administrativo; diretor tesoureiro e diretor-secretário. Uma vez eleita à diretoria, passou-se a eleição do Conselho Fiscal. Na leitura da ata vemos que os membros instalaram à Associação do Assentamento Serra Dourada partindo de uma legitimidade; visto que encontramos na documentação pesquisada o carimbo do “Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas, Títulos e Documentos e Protestos e Tabelionato 2º de Notas – Cidade de Goiás/GO”.

Na ata da Reunião Extraordinária dia 10 de janeiro de 2000, consta um episódio que fora discutido pelos associados na tentativa de solucionar um problema entre dois assentados.

---

<sup>8</sup>Joana Cassimira da Silva; José Balbino Guimarães; Cleide Maria Rodriguês Guimarães; Claudinei Lopes da Silva; Antônio Pereira dos Santos; Sebastião Carros Ferreira; Maria Cleuza Clemente Da C. Ferreira; Ailton Antônio Assunção; Caetano José Leite de Brito; Maria Francisca Alves; Julio José da Silva; Valmir de Oliveira Bretas; Suelto Fernandes de Lima; Dormelina Andrade Xavier de Lima; José Osmar Nunes Marquês; Dircina Imaculada da Silva; Renato Celestino Saraiva; Joana Maria de Souza (ATA DE REUNIÃO, p. 1 e verso).

<sup>9</sup>Não tivemos contato com o Estatuto até o momento, mas daremos prosseguimento à pesquisa.

Ocorreria um ato de adultério no assentamento. Após o fato ser narrado pelo presidente da associação, ouviu-se cada um de seus membros.

Na discussão sobre o assunto fora pontuado que “as normas do estatuto deve ser respeitada. [...] é difícil esta situação mas não podemos aceitar”. Outro assentado ainda explicitou: “Que ele merece uma chance do grupo e que esta cendo uma escola para ele e que tem a serteza que jamais ele cometera novamente este erro” (ATA DE REUNIÃO, 27/12/1999, p. 2, verso). A ata nos traz momentos vivenciados entre os assentados. Intimidades de sujeitos sociais que poderiam permanecer ocultas no assentamento, mas que foram evidenciadas em reunião extraordinária, lembrando e firmando o lugar que estava sendo construído em coletivo. Alguns dos assentados não aprovavam, mas “devemos respeitar do mais pequeno ou mais velho e não ser como companheiro e sim irmãos” (ATA DE REUNIÃO, 27/12/1999, p.2, verso).

Na reunião seria decidido se o assentado poderia ou não permanecer no assentamento depois de ter praticado o “erro, visto que até Jesus errou” (ATA DE REUNIÃO, 10/01/2000, p. 3). As colocações dos assentados nos chama a atenção, visto que os assuntos mais íntimos vivenciados, como o adultério cria entre eles códigos próprios de comportamento, de olhares e gestos, enfim, de movimentos que incidiam no espaço comum<sup>10</sup>: o assentamento.

Na reunião do dia 27 de janeiro de 2000, encontramos dados de que os assentados receberiam a visita da equipe da INCRA<sup>11</sup> para fazer o pagamento do crédito de alimentação e fomento, mas que isso somente seria possível pós-legitimação de cada sujeito social do assentamento. Na leitura na ata constata-se que o crédito alimentação era destinado para a compra de alimentos básicos, tais como arroz, feijão, macarrão. Parte desse crédito seria para a aquisição de ferramentas, “enchadão, enchada, arame, adubos, sementes” (ATA DE REUNIÃO, 27/01/2000, p. 3, verso).

---

<sup>10</sup>Cf. Arantes: Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. ARANTES, Antonio A. “A Guerra dos lugares”. In: **Paisagens Paulistanas**. Transformações do espaço público. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000, p. 106.

<sup>11</sup>Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Nota-se uma vigilância por parte do INCRA quanto ao gasto dos créditos, em específico por exigir as “notas fiscais” (ATA DE REUNIÃO, 27/01/2000, p. 3, verso). Ressalta-se que para fazer parte do Projeto Coletivo<sup>12</sup>, os candidatos deveriam fazer alguns testes exigidos para “um bom trabalho coletivo” (ATA DE REUNIÃO, 29/02/2000, p. 4). Posteriormente o INCRA explicitou os direitos e os deveres de cada pessoa com o projeto, como também à distribuição dos lotes. Na leitura da Ata do dia 29 de fevereiro do ano 2000 deu-se o início do pagamento do crédito habitação a cada associado no valor de R\$2.500,00, sendo posteriormente todos os cheques depositados na conta da Associação Projeto Serra Dourada.

Mediante as experiências<sup>13</sup> acima descritas que cotidianamente os sujeitos sociais constroem em suas relações sociais merece destaque a reflexão sobre o que se quer legitimar com esse tipo de produção sobre a história dos Assentamentos no município de Goiás e, ao mesmo tempo, perceber como são feitas as intervenções na forma de entender e viver o campo. Registros em atas como as aqui utilizadas nesse artigo abrem aos pesquisadores a possibilidade de pensar nas lutas sociais; como os representantes e lideranças pensam o campo e qual o lugar desses assentados em luta pela terra.

Também é visível o confronto. Um dos registros que encontramos que expressa conflitos entre eles deu-se em dezembro de 1999, quando “o senhor C. V. C. ameaçou de morte os senhores C.J. L. de B. e S. C. F.” [...] “começou o plantio de uma lavoura de mais ou menos 4 alqueires juntos [...]”, (ATA DE REUNIÃO, 07/05/2000, p. 5), configurando formas de desacordos, e adversidade de pensamentos na luta pela terra. A leitura desses registros conduz a discussão e produção que compõem um cenário; fala sobre um lugar de uma forma não harmônica em alguns momentos. Nesse espaço ocorriam disputas, conflitos

<sup>12</sup>Denominação essa utilizada para as pessoas que desejavam se candidatar ao projeto do Assentamento Serra Dourada. Para ser aprovado no teste exigia-se a participação em média de quinze famílias em projetos coletivos.

<sup>13</sup>“[...] experiência humana. É exatamente, o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias, do clube do pensamento, com o nome de ‘empirismo’. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes, por sua vez, sobre sua situação determinada)” THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.

e, fundamentalmente, mobilizavam-se táticas e estratégias<sup>14</sup> para lidarem com as adversidades.

Em outros momentos anuncia um lugar de animosidade e preocupação com a coletividade visto que necessita a implantação de

três tanques para piscicultura, sendo estes comunitario. [...] e o local que o técnico achou mais adequando fica na divisa do Lote 5 que pertence ao Sr. Divino Aparecido Domingos de Oliveira e será necessário que o Sr. Divino seda alguns metros de seu lote para aproveitar uma ariá que e do comunitário que e muito bôa. (ATA DE REUNIÃO, 21/05/2000, p. 6, verso).

Vemos nesta sequência uma clara referência da boa vontade do Sr. Divino, visto que ele concordou com a troca de alguns metros de terra. Segundo registros os tanques teriam a função de produzir peixe para as famílias se alimentarem, como também visava à formação dos assentados. Ou seja, os assentados em coletividade gastariam em média de 60,00 reais de ração por mês, mas teriam 100 quilos de peixes divididos entre as famílias (ATA DE REUNIÃO, 21/05/2000, p. 6, verso).

Os registros em atas vão delineando os viveres dos sujeitos sociais, onde as lutas cotidianas, as construções despertam para um novo olhar sobre o campo, mas, sobretudo porque viver em coletividade é um desafio para os protagonistas dessa história. Nessa direção, quando vemos os conflitos entre os assentados, não podemos tratar as experiências travadas como homogêneas. No entanto, devemos deixar claro que o viver em coletivo não se dá de forma tranquila, o que torna a memória um campo de luta política<sup>15</sup>.

<sup>14</sup>“Estratégias e táticas [...] Elas circulam, vão e vem, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida” (CERTEAU, 1994, p.97). Nesse sentido, as possibilidades de reconstrução histórica acerca de táticas, estratégias e formas de apropriação produzidas pelos sujeitos no cotidiano foram sinalizações para o entendimento da cultura no assentamento.

<sup>15</sup>O artigo do Grupo Memória Popular intitulado **Memória popular**: teoria, política, método, para o qual, Pensando sobre as maneiras como essas representações afetam concepções individuais ou de grupos do passado, podemos falar em ‘memória dominante’. Ou seja, este termo nos faz refletir acerca do poder e a universalidade de algumas representações e suas ligações com instituições dominantes, as quais têm o papel de obter o consenso e alianças políticas. No entanto, não temos a pretensão de afirmar que concepções do passado possam ter se tornado dominantes e representativas em todo o lugar, pois não são todas que são acessíveis ao público que se tornam dominantes. Neste sentido, o que temos são várias construções do passado que na maioria das vezes estão em constante luta entre si. Portanto, a “memória dominante” é produzida nessas lutas, sendo sempre

Portanto, o Serra Dourada pulsa vida; apresenta territórios, tensões, modos de viver e de lutar, que apresenta os *nós* dessa história, tanto no sentido de entrave da dominação, da disputa, quanto como sujeitos que partilham um lugar. O Assentamento sem sombra de dúvidas tem produtores, e não tem um roteiro prévio a seguir ou a apresentar.

Aos 13 dias do mês de dezembro de 2000 ocorreu um encontro entre a Escola Família Agrícola<sup>16</sup> (EFAGO) e o Assentamento. As discussões se restringiram sobre o tamanho da área que seria utilizada para a construção da EFAGO-GO, como também de casas que serviriam para diferentes finalidades para a escola. Ao final da reunião o total de cinco hectares seria destinado à construção, que “comessará cer marcado a partir das casas que ficará para a EFA seguindo em rumo da nassente do sol até que de os cinco hequitares” (ATA DE REUNIÃO, 13/12/2000, p.8). A partir das experiências e locais escolhidos para a fundação da instituição escolar, percebemos a preocupação dos associados com a instrução de seus filhos. Portanto, havia uma diversidade de viveres que foram se constituindo em coletivo.

Dando prosseguimento à discussão o barracão maior e as cinco ‘casas’ fariam parte da escola, isto é, uma seguida da outra contando com um banheiro. Fora definido a construção de um galpão aberto para marcenaria, e outros três para um curral, um chiqueiro, ambos pertencentes à associação. Entretanto, seria necessário um reconhecimento por parte da Superintendência do INCRA sobre esse acordo entre a Escola F. A. e P.A. Serra Dourada acerca da definição dos espaços (ATA DE REUNIÃO, 13/12/2000, p.8). A instalação de

---

exposta a contestação. Neste artigo, entendemos que, mesmo estando impregnados por alguns valores advindos dos discursos dominantes, muitos sujeitos sociais, com suas práticas disputam para “pertencer” o/no campo, o que nos faz analisar e colocar em dúvida os valores cultivados pela classe dominante. Grupo Memória Popular. Memória popular: teoria, política, método. In: **Muitas memórias, outras histórias**, p. 284.

<sup>16</sup>Experiência pedagógica direcionada aos adolescentes da área rural, incluindo educação básica e profissional, formação de lideranças e prevenção do êxodo rural. Sua estrutura equivale à de um internato rural, mas o regime de frequência é diferente: o aluno passa uma semana em estudos e a outra em casa (Pedagogia da Alternância). A alternância busca conectar dois universos que tradicionalmente se ignoram ou mesmo competem pelo presente e o futuro do jovem do campo. Dessa forma, possui uma proposta pedagógica adequada às características da vida rural, procurando, além de fixar o homem no campo, servir como instrumento do desenvolvimento agrícola. O projeto das Escolas Família Agrícola surgiu na França, em 1935, ligado à Igreja Católica e hoje está espalhado por todo o mundo. O modelo foi implantado no Brasil em 1968, no Espírito Santo. Para saber mais: MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. *Verbetes Escola Família Agrícola (EFA)*. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/escola-familia-agricola-efa/>>. Acesso em: 29 de abr. 2016.



‘celeiros’ e a escola propiciariam aprendizados para os alunos, favorecendo o surgimento de novos valores entre os mesmos. Assim, o Assentamento sofreria alterações em sua estrutura física, como também processos de mudanças sociais.

Em janeiro do ano de 2001, a pauta da reunião da Assembleia foi à preparação para a eleição de uma nova diretoria. Um dos associados ressaltou a importância de ter duas chapas, como também de organização jurídica com declaração de renda atualizando o CNPJ. Houve uma proposta que a cotização<sup>17</sup> subisse para cinco reais por mês, visto que os associados deviam a caixinha (ATA DE REUNIÃO, 31/01/2001, p. 9).

Novas eleições com a observância de duas chapas para a disputa da direção do Serra Dourada. É nítida a preocupação de oficializar as decisões tomadas em grupo. Talvez com essa medida demonstrassem as transformações pelas quais passava o assentamento, assegurando posse sobre a terra. Por isso, para analisar as experiências de diferentes sujeitos de uma associação, é necessário trazer à tona aspectos legais por eles praticados levando em conta os modos de pensar e de agir disseminados em coletividade.

Um dos assuntos tratados em reunião fora o abandono de lotes por alguns associados. Os registros eram oficializados em atas. É o caso do senhor Suerto Fernandes de Lima que foi convocado para prestar esclarecimento, visto “não ser justo parte do grupo está assumindo tarefas no projeto e outros não pois ele já conseguiu um trabalho na cidade de Goiás, que não tem nada a ver com o projeto” (ATA DE REUNIÃO, 02/08/2002, p. 18). Lendo a documentação vemos que a participação dos sujeitos envolvidos no projeto dar-se-ia pela ajuda mútua, e não pela individualidade. Constatamos que essas reuniões eram de caráter administrativo, mas perpassava por problemas cotidianos. Em específico ao cobrar dos associados um comprometimento com as normas estabelecidas no universo do assentamento.

Algumas mulheres passavam por dificuldades de permanência no projeto, visto que ocorreu uma reunião extraordinária na tentativa de solucionar a aprovação da desistência da senhora Cleide Maria Rodrigues Guimarães. O fato se deu por ser viúva, e não conseguir acompanhar os serviços do projeto. Assim, todos os bens adquiridos (menos uma vaca que morreu) ficariam sob a responsabilidade da associação até que fosse encontrada outra família

---

<sup>17</sup>Cotização é um valor que os assentados pagam à associação para diferentes finalidades.

(ATA DE REUNIÃO, 01/03/2003, p. 23). Para as mulheres sem família era muito difícil à lida na terra, além do mais as dívidas se acumulavam junto ao banco. Além dos problemas pessoais, como o caso narrado acima, havia desistência de lotes por parte de alguns assentados. Na análise das atas vemos se tratar da não adaptação ao projeto coletivo, sendo o lote repassado para a associação do Serra Dourada (ATA DE REUNIÃO, 15/03/2003, p. 26). Posteriormente nova família ocuparia esse lugar e assumiria as dívidas bancárias.

Nas atas do ano 2000 a junho de 2007 encontramos um único registro de pedido de oração antes de iniciar a assembleia. O presidente da associação colocou qual seria o ponto de pauta da reunião: a água. Deu-se o início à discussão e pontou-se por um dos assentados que o trator não está ajudando a produzir. Nessa reunião foi discutido que o trator “não pode puxa peso além da quantia de sua capacidade. [...] “resgatou a Historia da conquista desse trator [...] Foi sitado que o pessoal do Serra Dourada esta devendo mais de quatro mil reais do trator” (ATA DE REUNIÃO, 20/01/2007, p. 40). Pela leitura dos dados da reunião a Associação Serra Dourada possuía apenas um trator para suprir às demandas cotidianas. O equipamento fora adquirido com muita luta por parte dos assentados, e para relembrar à importância dessas lutas um assentado trouxe à tona a memória desse processo. Nessa lembrança ressaltou a importância de uma equipe para administrar o trator (ATA DE REUNIÃO, 20/01/2007, p. 40). Ou seja, enfatizou o projeto da coletividade.

Novamente encontramos pistas de uma assembleia realizada na igreja local, mas não conseguimos dados de qual crença seria a mesma. Nesse dia os assentados receberam a visita de uma engenheira agrônoma no sentido de auxiliar no diálogo dos assentados com o Superintendente Regional do INCRA acerca da reivindicação da divisão da área coletiva em parcelas individuais, conforme Ofício de nº 01/2005 (ATA DE REUNIÃO, 10/10/2007, p. 41).

Interessante pontuar que a organização do Projeto deu-se no ano de 2000, e somente sete anos depois seria decidido à divisão da área coletiva. Fora decidido nessa reunião, que caso a equipe técnica do INCRA não realizasse a divisão, os assentados iriam se responsabilizar pelo pagamento de um topógrafo credenciado pelo INCRA para a realização do serviço de divisão (ATA DE REUNIÃO, 10/10/2007, p. 41). Para fazer valer a decisão,

elegeram uma equipe de representação (4 assentados) junto ao Superintendente que se deslocariam para Goiânia/GO para fazer cumprir o que estava escrito na ata. Deixaram claro que “a decisão da equipe é soberana e deverá ser respeitado por todos os assentados” (ATA DE REUNIÃO, 10/10/2007, p. 41).

O projeto de Assentamento Serra Dourada era visto como o lugar das realizações, das lutas, das experiências, enfim, por excelência, o lugar do fortalecimento entre os seus pares. Uma de suas preocupações era a de fazer manter a coletividade, seja de maneira sutil, ou pouco aparente. Entretanto a materialidade tornava-se visível, expressando-se sob o formato de decisões coletivas.

### **Conclusão**

Nesse artigo algumas reflexões foram ponderadas, pois permitiram construir uma interpretação e tornaram-se semente de um amadurecimento inacabado, que se faz cotidianamente, num diálogo profícuo e crítico com a formação que construímos enquanto pesquisadores. Assim, enfatizamos os resultados mais significativos a que chegamos, salientando algumas questões importantes que merecem novas investigações e aprofundamento.

Mapear as práticas culturais de assentados não é uma tarefa fácil, seja pelas peculiaridades dos fatos, seja pelas características do processo. O desafio é, entretanto, fundamental para a realização de qualquer pesquisa histórica. E esse pode se tornar agradável e prazeroso quando a pesquisa envolve conhecer sujeitos e personagens - que emergem dos documentos escritos e narram memórias e períodos de lutas goianas - de uma história de idas e vindas.

As pistas e rastros nas atas do Assentamento Serra Dourada foram fundamentais e cruciais para a produção desse artigo; mas outras serão exploradas e analisadas. Vimos à presença de diferentes sujeitos, com suas práticas, suas táticas, seus valores. Esses documentos escritos auxiliaram a considerar uma multiplicidade de pistas sobre as experiências vividas no campo, como também algumas frustrações. Os registros deixados nas atas foram *fiões* (GINZBURG, 2007) para a tessitura das vivências desses sujeitos sociais.

Essa é, sim, uma versão da história, mas outras podem ser produzidas.

Não as contestamos, seria ingenuidade não perceber as lutas e as experiências de vida desses sujeitos ao longo do tempo, como também sua cultura<sup>18</sup>, entretanto, não somos míopes às relações desiguais vividas cotidianamente e as estratégias utilizadas para disputar o campo.

São memórias que surgem ao terem contato com a documentação e, principalmente, do vivido desses sujeitos no lugar. A reelaboração que os mesmos trazem desses espaços, o dia a dia no assentamento nos permite problematizar como eles aparecem como integrantes dessa mesma história. Mas o que devemos enquanto pesquisadores é refletir sobre esses sujeitos que lutam, experimentam e disputam o campo em seu cotidiano comum.

No entanto, para quantas memórias e histórias ainda não faltam para serem escritas? Esse artigo não dá conta de todas elas e por isso mesmo ele é apenas um começo, pois ainda há muito que se investigar sobre o Assentamento Serra Dourada. Escrever a história de um assentamento tendo como personagens principais homens, mulheres, jovens, crianças, bem como os diferentes sujeitos sociais que por lá passaram e/ou permanecem é um dos caminhos para se refletir sobre as lutas pela terra... Os sujeitos sociais que por ali passaram trazem marcas e sentimentos em suas trajetórias de vida e as imprimem no cotidiano do assentamento, com isso deixam brechas ao pesquisador para que outras trilhas possam ser percorridas...

## Referencias

ARANTES, Antônio A. “A Guerra dos lugares”. In: **Paisagens Paulistanas**. Transformações do espaço público. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

---

<sup>18</sup>Vale destacar a noção de cultura de Stuart Hall, quando trabalha com a ideia da não unicidade e autenticidade da cultura como *popular*. Segundo o autor: “Não existem ‘culturas’ inteiramente isoladas e paradigmaticamente fixadas, numa relação de determinismo histórico, a classes ‘inteiras’ [...]. “As culturas de classe tendem a se entrecruzar e a se sobrepor num mesmo campo de luta”. Ou seja, se há diferentes formas de análise e de apreender o que se dá no tecido social, é porque isso ocorre no campo da cultura e nas contradições pertencentes a esse espaço, que é de consentimento e resistência, já que “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais”. Cf. HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad: Adeline La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, pp.254 e 262.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros.** Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Trad: Adeline La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa- 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs). **Muitas Memórias, Outras Histórias.** 1ª Ed. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Escola Família Agrícola (EFA). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001.

SILVA, Ana Cláudia de Lima; BUENO, Tobias; SILVA, Altamiro Lourenço da; SILVA, Sirlene dos Santos Neves. **Manutenção do Ciclo da Vida: Experiência em Transição Agroecológica de Hortaliças no Assentamento Serra Dourada, Goiás – GO.**

SOUZA, F. E. de, et al. **Do assentamento Mosquito ao assentamento Serra Dourada: as lutas pela conquista e permanência na terra no município de Goiás.** 2006.  
**Cultura, Trabalho e Cidade: Muitas Memórias, Outras Histórias.** Capes/2000.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

### **Documentos do assentamento**

Livro de Atas de Reuniões 2000 a 2007.

### **Sites**

*MARGENS - Revista Interdisciplinar* 10 Anos de Margens - Dossiê: Olhares para o campo...  
Versão Digital – ISSN: 1982-5374 VOL.10. N. 15. Dez 2016. (p. 13-26)

<http://www.educabrasil.com.br/escola-familia-agricola-efa/>>. Acesso em: 29 de abr. 2016.

<http://www.abaagroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/viewFile/16809/10638>

Acesso dia 25/04/2016.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s\\_\(munic%C3%ADpio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s_(munic%C3%ADpio)). Acesso dia 28/04/2016.

<http://www.incra.gov.br/assentamento>. Acesso dia 28/04/201